

Prof.^a Anita Kon

Assistente de pesquisa: Emmanuel Nakamura

O último trimestre de 2008 que registrou o pior resultado da economia mundial e que deve derrubar consideravelmente o PIB dos Estados Unidos e caracterizar uma recessão em termos médios globais também mostrou seus efeitos do resultado do Brasil, embora ainda refletindo resultado amenizados dos meses anteriores a Novembro. Os maiores bancos do mundo preveem, até o segundo trimestre de 2009, o maior recuo econômico desde o pós-Guerra, em 1945 e a busca pela procura de menor endividamento das famílias e de empresas.

No Brasil, desde o mês de Outubro, o Banco Central vem adotando repetidamente novas regras sobre o depósito compulsório bancário, para amenizar a falta de liquidez do sistema. A partir de 1º de dezembro, o BC vai aceitar que a exigência do depósito seja cumprida por meio da entrega de títulos públicos, em vez de dinheiro, com a mesma remuneração anterior, o que terá como efeito liberar R\$ 40 bilhões em dinheiro para o caixa dos bancos.

Desde outubro o déficit público tem diminuído devido a forte aperto fiscal promovido pelo governo, acompanhado do aumento da arrecadação. O resultado da arrecadação é explicado, entre outros fatores pelo crescimento da economia, ainda repercutindo medidas dos meses anteriores. Dessa forma esta economia de gastos públicos foi dirigida para pagar juros da dívida pública, superando a meta do ano e acarretando em um recuo da relação dívida/PIB de 36,6%, também sob efeito da alta do dólar.

Entre a economia de gastos se inclui a redução de investimentos do Plano de Aceleração do Crescimento em infraestrutura logística, como rodovias, ferrovias, hidrovias, portos e aeroportos, que prometia cumprir um investimento anual, ao longo de 4 anos, de R\$ 8,2 bilhões. Este recuo, deverá amortecer ainda mais a dinâmica de desenvolvimento programado do país.

Como esperado, o impacto da crise financeira internacional sobre a falta de liquidez do sistema financeiro, aumentou consideravelmente o custo do crédito o que preocupa o governo, desde que os juros de financiamentos a pessoas físicas atingiram média de 60% ao ano em novembro, maior patamar em três anos, e o custo médio de um empréstimo bancário chegou a 45% ao ano em Novembro, devido à alta no *spread* bancário médio face ao maior risco em relação à capacidade de pagamento de seus devedores. Já estão sendo estudadas pelo governo medidas que reduzam o custo dos empréstimos para comprometer menos o crescimento em 2009. No entanto, o Departamento Econômico do BC considera que a escalada dos juros não deve ser interrompida enquanto as turbulências nos mercados globais não diminuírem.

Apesar de o governo injetar recursos no mercado para que não falte crédito, as empresas não estão conseguindo obter os empréstimos de que precisam para funcionar bem e investir. Uma medida governamental adicional foi empreendida pela Caixa Econômica Federal que liberou R\$ 2 bilhões para varejistas, tendo como foco da linha de crédito comerciantes de pequeno e médio portes, já que as grandes redes têm parceria com bancos e financeiras. A linha de crédito da Caixa é destinada principalmente a pequenos e médios varejistas para o financiamento de bens de consumo, visando liberar o capital de giro dos comerciantes, que vinha sendo usado para financiar a compra dos clientes, para expansão das lojas ou aquisição de produtos. O governo do Estado de São Paulo também anunciou linha de crédito para ajudar financeiras de fabricantes de veículos, que se encontram em dificuldades e determinaram férias coletivas de milhares de trabalhadores das montadoras.

Face à situação internacional, o saldo comercial do país também recuou, como efeito da instabilidade do câmbio e da crise financeira. Mesmo com o dólar em alta, os exportadores fecharam menos negócios, afetados pela queda da demanda mundial e pelo temor de que a instabilidade cambial cause prejuízos em contratos de longo prazo. Já os importadores compraram menos que o esperado com a crise e o dólar caro, ficando aquém do esperado para esta época do ano, quando os varejistas ampliam os estoques para as vendas de Natal, pois a alta do dólar tornou o preço das importações menos competitivos, particularmente entre os bens de consumo, especialmente os não-duráveis, com queda de 13,4% nesses itens importados. Os analistas salientam ainda que a redução de demanda nos países desenvolvidos e a volatilidade cambial ajudaram na piora das exportações e muitas empresas deixaram de fechar contratos de longo prazo com medo de que o dólar volte a cair, como fizeram as indústrias

siderúrgicas e de celulares.

Por outro lado, a redução dos preços das *commodities* não afetou as exportações, pois os produtos que tiveram queda mais acentuada são os que o Brasil importa, como o trigo, e não os que o país exporta, como a soja. No entanto, as previsões para as receitas com as exportações agrícolas deve cair 20% em 2009, pelo fato de que o problema financeiro vem reduzindo os preços dos produtos exportados bem como o crédito para o plantio, o que contém a expansão da área cultivada, além da forte elevação dos custos ao produto e de menor uso de tecnologia (fertilizantes), o que como resultado, segundo os analistas, deve ser danoso para a balança comercial brasileira, desde que estas perdas de receitas na balança do agronegócio não virão pela quantidade de produtos exportados, mas pela forte redução dos preços externos.

Com relação à inflação, o Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M) mostrou que a alta de preços que se registrou no mês anterior, provocada principalmente pela valorização do dólar e pela alta de produtos agrícolas, não se repetiu com a mesma intensidade em Novembro. A alta do dólar fez com que o preço das matérias-primas importadas aumentasse no atacado em Outubro e em Novembro esta variação começou a ser repassada ao consumidor, mas isso ocorreu de maneira moderada porque outros fatores contiveram a pressão inflacionária, como a queda nas cotações das *commodities* e de preços de produtos que não têm relação com o mercado internacional, como os alimentos *in natura*. O Índice de Preços por Atacado subiu neste mês apenas 0,30% e o Índice de Preços ao Consumidor avançou 0,52%, o que segundo especialistas, sugere que os preços começaram a se estabilizar. No entanto, a alta de preços do IGP-M acumulada em 12 meses ainda é significativa (11,88%).

Já pelo indicador oficial de inflação, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo, a inflação também já havia mostrado em outubro os primeiros sinais de contágio da crise, ressaltando as dificuldades crescentes do Banco Central para cumprir a meta inflacionária neste e no próximo ano. A taxa acumulada em 12 meses chegou a 6,41%, muito perto do teto da meta de inflação de 2008 (6,5%) e com a crise, muitos especialistas fazem previsões de que o IPCA supere o teto da meta (cujo centro é de 4,5% com tolerância de dois pontos), num cenário de dólar mais alto e índices de preço no atacado em forte ascensão, desde que o câmbio já mostrou seus efeitos, pressionando certos produtos e os efeitos da valorização do dólar serão sentidos com mais força em novembro e dezembro deste 2008, quando o IPCA tende a se acelerar.

No contexto da crise financeira internacional, o pessimismo dos industriais chegou ao seu pior grau em cinco anos e o Índice de Confiança da Indústria caiu 19,4% entre outubro e novembro, passando para o menor nível desde julho de 2003. Piorou a expectativa dos empresários em relação à situação atual, mas também em relação às expectativas para até os próximos seis meses. O indicador mostra que houve maior pessimismo em todos os itens que medem o sentimento dos industriais: estoques, demanda, ambiente de negócios, produção e emprego, tendo como consequência direta a revisão nos planos de investimento dos empresários.

Entre os setores industriais, foi grandemente afetado a Construção civil, que reduziu consideravelmente o ritmo e demitiu intensamente (com cerca de 40% de corte na folha de pagamentos) apesar das medidas de auxílio do governo para financiamento de capital de giro, entre outras. Na indústria automobilística, amplamente afetada, as férias coletivas anunciadas pelas montadoras de veículos neste mês devem impactar mais fortemente a produção industrial, já que o setor automotivo tem quase 9,5% de peso na indústria. A indústria de transformação de São Paulo, pólo econômico do país, já começou a demitir desde outubro quando foram fechados 10 mil postos de trabalho, mês no qual nos anos anteriores as empresas costumavam aumentar as contratações por conta do Natal.

Dessa forma, em Novembro, a crise financeira já começa a ter impacto na confiança do consumidor e na inadimplência da pessoa física no Brasil, já afeta a geração de emprego no país e a renda que já havia caído 1,3% em outubro. Quanto ao crescimento da economia, foi mantida a previsão de expansão de 5,23% para 2008, mas a expectativa de aumento do PIB em 2009 caiu para 3%.